

Favoritismo de Benevides deixa a vice para Governo

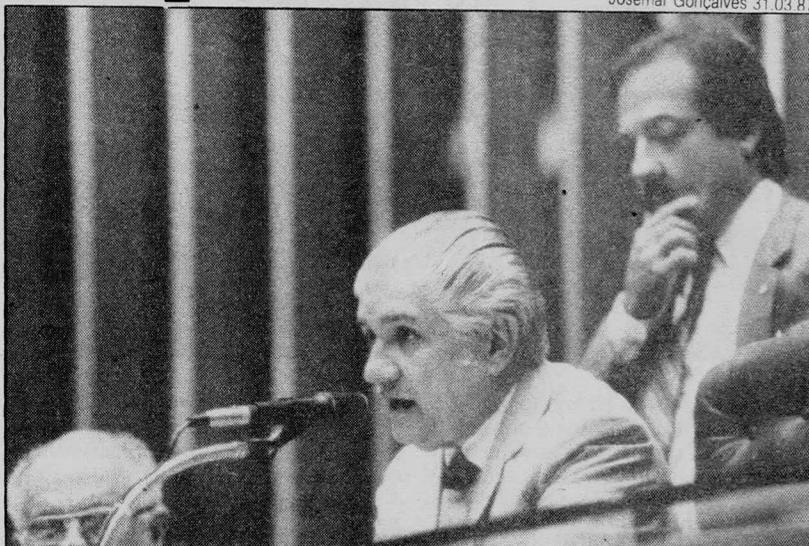
José Leonardo Rocha

Difícilmente o governo conseguirá vencer Mauro Benevides na disputa pela presidência do Senado em 2 de fevereiro. O senador do PMDB cearense passará o mês de janeiro articulando sua candidatura, consolidando os votos dos partidos que o apoiam e até avançando nos limites governistas, onde ele já conta com alguns votos. O presidente Collor, pessoalmente, ainda pretende fazer um esforço pelo cargo, mas já admite a dificuldade da missão, escolhendo alguém de extrema confiança para 1ª vice-presidência.

“Não creio que o bloco criado pelo governo elasteça sua atuação para promover a ruptura na tradição até aqui obedecida”, disse Benevides. Desde a criação do Senado, nunca o partido majoritário deixou de ter a presidência da Casa. O bloco governista, formalizado no início deste mês, deverá ficar mesmo com a referência dos que apoiam o presidente Collor, sem entrar na disputa pela Mesa. “O governo fez tudo errado com o bloco. O objetivo era tentar formar uma maioria para eleger o presidente do Senado, mas, como não vingou, desanimaram”, opinou Maurício Corrêa (PDT-DF).

Presidência

A primeira — e provavelmente única — batalha que Benevides enfrentará será no fim de janeiro, quando a bancada do PMDB no Senado indicará seu candidato à presidência da Casa. Benevides, franco favorito, disputará a indicação com Márcio Lacerda, do Mato Grosso, com mútuo compromisso de apoio do derrotado ao vitorioso em plenário. Se for mantida a tradição da Casa, a eleição da Mesa, em 2 de fevereiro, servirá apenas para confirmar a escolha do candidato único. O presidente Collor, no entanto, conta com um trunfo, que é a votação secreta. O regimento não impede que outros candidatos se inscrevam. O preferido de Collor



Benevides enfrentará Lacerda (PMDB-MT) no final de janeiro

é o recém-eleito Guilherme Palmeira, antigo adversário político em Alagoas, mas Marco Maciel parece ter mais força dentro do PFL.

O maior problema do presidente Collor é que os próprios senadores governistas, como os vice-líderes Ney Maranhão e Odacir Soares, se opõem no bloco, principalmente se ele tiver por objetivo a disputa pelos cargos da Mesa. “Se um bloco passasse por cima dessa tradição, o PMDB, que não faz oposição radical e tem, em suas fileiras, muitos que votam com o governo, não ficaria de braços cruzados. Iria reagir, criando muitas dificuldades para o governo”, disse Odacir Soares.

Benevides, diante dessa iniciativa governista, está conseguindo avançar até no lado situacionista e já tem os votos garantidos de alguns senadores do PFL. “Em todos os segmentos partidários, sinto companheiros que estimulam minha pretensão”, diz Benevides.

Bloco

A campanha do senador cearense começou há bastante tempo,

antes mesmo que o governo tivesse anunciado a disposição de compor um bloco. Benevides é figura simpática à maioria dos colegas e tem se empenhado por conseguir a indicação do partido ao cargo hoje ocupado por Nelson Carneiro. No fim de outubro, por exemplo, pegou um avião e foi visitar, no Amapá, os três senadores há pouco eleitos: José Sarney, Jonas Pinheiro e Henrique Almeida. “Acho que eles ficaram muito sensibilizados com minha iniciativa”.

O líder do governo no Senado, José Ignácio, avisa, no entanto, que o presidente Collor ainda não desistiu da presidência do Senado. “A disputa por cargos da Mesa não está descartada, embora o objetivo principal do bloco seja o de formar uma base de sustentação política”, disse. O governo sentirá, durante o mês de janeiro, as dificuldades que poderá enfrentar numa disputa pelo cargo. Se o presidente Collor perceber que um candidato seu tem chances reais de sair vitorioso, certamente não deixará de tomar qualquer iniciativa apenas por respeito à tradição.